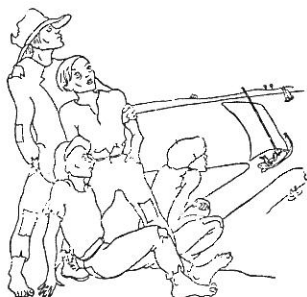


VÉR TICE

Revista bimestral Janeiro-Fevereiro 2000 Preço: 1400\$00 (inclui IVA) II Série

Em Questão



Soeiro Pereira Gomes

Soeiro Pereira Gomes: o homem, a obra, a vida ▼ Soeiro Pereira Gomes ficcionista — poeta pioneiro do Neo-Realismo, *Urbano Tavares Rodrigues* ▼ A personalidade política de Soeiro Pereira Gomes, *Dias Lourenço* ▼ 5 de Dezembro de 1949: a morte de Soeiro, *Giovanni Ricciardi* ▼ «Um imenso sussurro de vozes inumeráveis...». A imprensa cultural juvenil na década de 1930, *Luís Augusto Costa Dias* ▼ Na formação do neo-realismo. Recepção portuguesa do marxismo francês, *António Pedra Pita* ▼ Soeiro Pereira Gomes e o PCP nos «trilhos da clandestinidade» (1944-1949), *João Madeira* ▼ O jogo das pistas. A construção do sentido no discurso textual dos *Outros Contos* de Soeiro Pereira Gomes, *Piero Ceccucci* ▼ *Engrenagem* de Soeiro Pereira Gomes e o neo-realismo literário português nos anos 40, *Vítor Viçoso* ▼ *Os Contos Vermelhos*: em demanda do herói exemplar, *Alberto Sismondini* ▼ A recepção da obra de Soeiro Pereira Gomes, *Lívia Apa*

Em Memória

Evocação de Armando Castro

Crítica e epistemologia, *Carlos Pimenta*

Em Estudo

Arendt, Kant e a revolução, *F. Cabral Pinto* ▼ Dez teses sobre a utopia, *José Augusto Nozes Pires* ▼ A pretexto do nonagésimo aniversário do Futurismo, *Luís Bensaia dei Schirò* ▼ Estudos de Literatura e Cinema, *Teresa Gonçalves*

Em Movimento

Ferreira de Castro. Os cem anos do escritor emigrante, *Adelino Rodrigues* ▼ Ferreira de Castro, o realismo social e a dignidade humana, *Urbano Tavares Rodrigues*



Crítica e epistemologia

I

Homem de muitas leituras e pesquisa documental, procurando quase quotidianamente as últimas obras científicas em livros e revistas — sobretudo após a Revolução do 25 de Abril, que lhe abriu as portas do ensino universitário —, atento às notícias, capaz de reproduzir fielmente as opiniões deste ou daquele, sempre concentrou os seus esforços de compreensão, assimilação e transmissão da informação em construir um modelo próprio de interpretação das realidades, entendidas como um todo. A procura da informação fazia-se com uma grande ânsia de conhecimentos, abertura ao desconhecido, modéstia intelectual e plena disponibilidade para corrigir os erros. O tratamento da informação processava-se segundo metodologias de in-

vestigação maduramente pensadas e organizadas, adaptadas à sua maneira de ser e estar, prolongadas ao longo da sua vida ⁽²⁾.

Armando Castro tinha uma estruturada e consolidada formação marxista que se revela no respeito pelas categorias, relações e método do materialismo dialéctico, logo do materia-

lismo histórico ⁽³⁾, e por uma consciência de classe muito própria. Contudo sempre procurou completar e repensar Marx, raramente fazendo uma utilização estrita da terminologia deste ⁽⁴⁾. Essa postura é bastante clara quando em entrevista lhe perguntaram pela influência de Marx sobre os seus trabalhos de Epistemologia:

«Marx está presente numa teorização muito global. Eu julgo que é preciso não esquecer que se devem a Marx certas leis muito gerais, inclusive no aspecto sociológico, excepto na actividade cognitiva, como é evidente. Ele intuiu alguns aspectos dessa realidade, mas não podemos, sobretudo, esquecer que no tempo de Marx as ciências não se tinham desenvolvido a tal ponto que fosse possível teorizar o conhecimento científico. Ele próprio não pôde levar a cabo os seus programas de pesquisa intelectual. Disse, por exemplo, que gostaria de escrever um livro sobre a Filosofia Dialéctica (o que escreveu sobre a dialéctica está presente no *Capital*, numa aplicação concreta), mas não teve tempo. Eu estou convencido que esta problemática que me surgiu e a que tenho procurado dar resposta era impensável há 30 ou 40 anos atrás. É preciso que o «corpus»

«A minha neta Raquel, que nasceu na mesma altura deste livro, e à sua geração, dedico esta obra, na esperança de que venham a dispor de condições sociais para desenvolver os meios de autodomínio intelectual, tomando conta do próprio destino no múltiplo florescimento da personalidade» ⁽¹⁾

Evocação de Armando Castro

teórico do sistema geral da ciência atinja um certo desenvolvimento para que se possam colocar certos problemas. O eventual mérito que se pode ter é possuir a sensibilidade para saber se já existem condições para uma dada teorização e, se já existem, então ter a coragem de se esforçar por pôr de pé uma teorização.»⁽⁵⁾

A sua consciência de classe passou por perceber, interpretar, aceitar e defender as posições das classes trabalhadoras, dos sectores mais desfavorecidos da população portuguesa. Fê-lo estudando, escrevendo, tomando posição junto com as organizações de classe, mantendo-se ao longo das décadas militante activo do Partido. Mas o que é particularmente interessante é a manifestação da sua consciência de classe na prática de investigação, não tanto pelas temáticas abordadas⁽⁶⁾ como pelos processos de validação dos seus conhecimentos.

Armando Castro sempre se manteve em Portugal, a sua escrita fez-se quase integralmente em português — apesar das solicitações de revistas e editoras estrangeiras, aliás o seu nome e obra era referenciada em conceituada documentação internacional — e considerava que a validação da sua obra se fazia pela aceitação das suas ideias pelos cidadãos do seu País. Enquanto olhava sem entusiasmo, com benevolência para os seus erros, a comunidade científica internacional, encarava com muito respeito as audiências dos muitos colóquios que realizou. Cada intervenção em público era um desafio que encarava com entusiasmo: sobre a sua capacidade em descodificar os conceitos mais difíceis e apresentá-los de uma forma acessível; sobre a aceitabilidade que provocaria.

Esta relação de intimidade com os públicos diversos de cidadãos portugueses alimentava-se numa confiança ilimitada — embora alicerçada no conhecimento da história e dos constrangimentos bio-sociais, fugindo, ou procurando fugir, ao utó-

pico e ao fideísmo — nas capacidades do Homem para construir uma sociedade melhor («desenvolver os meios de autodomínio intelectual, tomando conta do próprio destino no múltiplo florescimento da personalidade», como diz na dedicatória com que se inicia este texto)⁽⁷⁾.

A multiplicidade de temáticas que aborda, a preocupação sistemática de entender os contextos de qualquer matéria estudada, as categorias epistemológicas e metodologias que foi construindo para todo o seu labor científico, a intenção de fornecer a propósito de qualquer matéria leis científicas, a atenção que dedicou à interdisciplinaridade⁽⁸⁾ fez de Armando Castro um generalista, como ele reconhece, associando a tal facto vantagens e perigos. Utilizando a terminologia do conhecimento corrente quase que preferíamos considerá-lo um «especialista do geral».

Apresentar uma personalidade tão rica em poucas linhas é difícil, mas admitimos que os aspectos anteriores são alguns dos elementos mais característicos. Falta acrescentar-lhe uma faceta bem típica, estreitamente associada a todos os aspectos referidos: um arguto «espírito crítico», a consciência que da crítica saem novos resultados científico, uma permanente e explícita vigilância sobre o trabalho desenvolvido.

É nesta característica do seu trabalho científico e participação cívica, que nascem as suas preocupações epistemológicas.

«Ora, em dado momento surgiu-me esta interrogação angustiante: o que é que eu estou a fazer? Qual é a validade intelectual e o nível dessa validade num trabalho deste tipo? E foi isso que há cerca de 30 anos me virou para a Filosofia das Ciências.»⁽⁹⁾

«Além da metodologia estar estreitamente ligada à epistemologia, acresce que este último sector oferece ainda o interesse de equipar todos nós com uma arma de observação crítica

que permitirá acompanhar o labor de edificação da Economia Política e da Sociologia Geral da Sociedade Portuguesa»⁽¹⁰⁾

II

Desde os primeiros trabalhos de Armando Castro assistimos frequentemente a considerações marginais ou complementares ao objecto de estudo, de natureza filosófica e metodológica. É provavelmente um dos grandes ensinamentos resultantes da sua formação marxista: o reconhecimento da importância da metodologia, a vigilância crítica, a utilização da lógica dialéctica, a consciência das limitações biológicas e sociais na formação do conhecimento e a possibilidade de rasgá-las parcialmente pela *praxis*.

É, como já referimos anteriormente, através das suas próprias palavras, quando da redacção da *Evolução Económica de Portugal dos Séculos XII a XV*, que sente a necessidade de fazer uma primeira abordagem sistemática do problema e de apresentá-la aos seus leitores. Uma necessidade tão forte que acaba por impor à redacção da sua obra uma estrutura relativamente anacrónica. Estando a tratar da sociedade portuguesa no período referido, num grande grupo de temáticas que designou de «As principais categorias da economia feudal portuguesa» e pretendendo de seguida formular as leis de «A economia política da sociedade medieval portuguesa», isto é, «as principais leis sócio-económicas vigentes na época medieval» e um «esboço da Teoria Geral do Sistema Económico Feudal Português», rompe a sequência com uma secção que designa de «Intróito — Teoria do Conhecimento — Epistemologia e Metodologia das Ciências». Nem a habilidade de ter deixado algumas perguntas no texto anterior, nem as razões justificativas apresentadas para um «Intróito» a meio da obra são capazes de justificar a quebra de sequência. No entanto,

ao «quebrar o normal» deixou-nos magníficas páginas de reflexão filosófica⁽¹¹⁾, particularmente importante se atendermos ao facto de se viver em fascismo e de serem grandes raridades textos com aquelas problemáticas.

O estudo de Armando Castro coloca-se clara e explicitamente no campo da Filosofia das Ciências, preocupado com a «Teoria do Conhecimento em Geral», a Epistemologia ou «Teoria do Conhecimento Científico» e a «Metodologia das Ciências».

Hoje, ao lermos aquelas páginas, não podemos deixar de estabelecer uma comparação com a sua obra posterior de Epistemologia⁽¹²⁾, detectando as semelhanças e diferenças.

De uma forma muito sintética podemos dizer que entre os dois trabalhos publicados com oito anos de diferença Armando Castro tem as mesmas preocupações, tem uma sequência temática similar mas as respostas são muito diferentes. Nos anos sessenta situava-se no campo da Filosofia da Ciência e na década seguinte na Ciência da Ciência. Uma mudança que reflecte novos conhecimentos e preocupações mas que também exprime as mudanças sociais registadas e a possibilidade do autor ter aceso a outros contextos da prática da investigação.

Para ilustrar esta diferença atentemos na seguinte passagem da *Evolução Económica de Portugal*:

«Não se pode desmentir que qualquer trabalho de investigação tem na sua base determinada concepção da natureza e dos limites possíveis do conhecimento do homem. E nem sequer podem existir posições neutras no debate central a todo o problema do conhecimento, o problema de saber se o pensamento humano pode traduzir a realidade objectiva exterior ao homem, se existe mesmo tal realidade e se o pensamento não formula unicamente construções, conceitos subjectivos forçosamente independentes do que lhe é ou

pode ser exterior. É verdade que existem algumas concepções que proclamam com afincado ter superado esta problemática, como acontece por exemplo com o positivismo lógico. No entanto, um exame crítico que perfure a barragem terminológica e a sua aparente complexidade pseudo-científica, descobre infalivelmente que o ponto de partida desta ou de qualquer outra corrente que foque a teoria do conhecimento não pode escapar ao dilema básico que se acaba de apontar.»

Armando Castro coloca a opção entre materialismo e idealismo no centro da necessidade da incursão gnoseo-epistemológica. Alguns anos mais tarde considerará que esse debate já está ultrapassado porque a Ciência do Conhecimento Corrente e a Ciência do Conhecimento Científico permite encontrar respostas doutro tipo.

III

O culminar destas críticas de conceitos, procedimentos e metodologias, crítica construtora de uma nova ciência nascida da interdisciplinaridade é, sem dúvida alguma, a *Teoria do Conhecimento Científico*.

O seu objectivo era construir uma ciência do conhecimento científico, a qual designava por Epistemologia, utilizando uma terminologia que já tinha alguma tradição mas com um significado diferente.

Sendo imprescindível estar a par das metodologias e conceitos científicos de todas as ciências, compreende-se da organização prevista da obra, das problemáticas abordadas e sobretudo da formação fundamental do autor, que a sua preocupação fundamental é construir a «Epistemologia Regional das Ciências do Homem», pormenorizada nas «Epistemologias Disciplinadas» das diversas ciências do Homem, para de seguida explorar ao máximo as consequências das leis que aí elaboraria: estudar para as ciên-

Evocação de Armando Castro

cias do Homem as «relações interdisciplinares», a «sociologia das ciências» e a «metodologia das ciências».

Sendo à partida uma proposta de investigação grandiosa, que o próprio autor suspeitava ultrapassar as possibilidades do seu tempo biológico, ela foi-se ampliando sistematicamente, por quatro razões fundamentais:

1. O seu trabalho de investigação era um permanente desafio dos abismos e regiões inexploradas. Pasmava-se com as suas descobertas, penetrava sistematicamente por caminhos que anteriormente não tinha antevisto. Embora tivesse uma clara consciência do «método de investigação» e do «método de exposição» como diferentes sequências de apresentação (e validação) dos conceitos e relações construídos — assunto que aborda explicitamente na sua obra — e tivesse uma preocupação em utilizar o «método de exposição» nas suas obras (o que é conseguido de forma exemplar nos trabalhos de História, nomeadamente ao considerar a renda a categoria inicial para o estudo do feudalismo em Portugal), a descoberta e a escrita associavam-se estreitamente. Assim como os escritores referem que as personagens que constroem vão adquirindo ao longo da escrita do romance uma «vida própria» também neste caso o trabalho de escrita fazia parte integrante da investigação e novos aspectos surgiam por detrás das teclas da sua máquina de escrever. Cada capítulo escrito era a sistematização de uma temática, mas também a descoberta de novas e, por vezes, a necessidade de retomar, numa perspectiva diferente, assuntos que já tinham sido tratados.
2. Para ele a Epistemologia era

uma metadisciplina científica, embora confessasse não gostar de usar esse termo. A ciência das ciências era também ciência dela própria. Esta situação fez com que o autor tivesse duas grandes preocupações. Em primeiro lugar criticar as posições dos que negavam a possibilidade de uma ciência das ciências e apresentar sempre que possível argumentos (novos ou antigos sob uma nova formulação) para mostrar a viabilidade do seu projecto, o significado rigoroso da sua metodologia, o interesse e viabilidade do significado que atribui à Epistemologia, ciência e não filosofia. Em segundo lugar fundamentar cada passo que dava. Se se pretende classificar as ciências há que anteriormente perceber o que é classificar e quais as suas leis. Se se pretende estudar o conhecimento científico como realidade diferente (interligada, num processo histórico de relacionamento) do conhecimento corrente, é necessário primeiro perceber o que este é e formular as suas leis. Acrescente-se que este último aspecto também está directamente relacionado com a imperiosidade de conhecer os contextos em que os objectos de estudo se inserem.

3. Os assuntos tratados têm séculos de história, tendo sido trabalhados por grandes vultos da humanidade, palco de grandes controvérsias e cisões entre correntes do pensamento. A dicotomia materialismo/idealismo é um caso paradigmático do que afirmamos. Grande parte do seu esforço foi no sentido de mostrar que uma ciência das ciências era a superação dessas posições, historicamente explicáveis numa anterior fase do conhecimento científico, mas sem senti-

do no contexto da ciência que elaborava. Armando Castro sentia a necessidade de combater posições que a filosofia tinha aprontado ao longo dos séculos, só o podendo fazer legitimamente através da explicitação minuciosa, exaustiva, por vezes repetida em diversos contextos, dos conceitos da nova ciência. A sua leitura da ciência é, digamos assim, antipositivista, mas esta posição não recorre a argumentos filosóficos mas científicos, respigados numa interdisciplinaridade variegada, recorrendo à psicologia genética, à neurofisiologia, à sociologia, entre outras.

4. Intimamente associado aos aspectos anteriormente referidos acrescenta-se a grande luta travada na procura de uma linguagem consentânea com o trabalho desenvolvido. Para quem reconhece que, como diz Ullmo, «o maior obstáculo ao progresso científico era a confiança espontânea que se depositava na evidência, na intuição, na linguagem», a utilização de uma velha terminologia para designar conceitos diferentes era algo incómodo que o obrigava a precisar o que pretendia dizer, com cada palavra, com cada frase.

Não é pois, de estranhar, sobretudo se acrescentarmos aos aspectos referidos o arrojo intelectual do homem, que no início do primeiro volume publicado tivesse previsto oito volumes (apontemos para 300 páginas por volume, como referência) e que quando da publicação do 5.º volume já referisse dezasseis. Durante a escrita de quatro livros publicados com um desfasamento de 12 anos (escritos num tempo bem menor) a obra projectada duplicou.

Embora suspeitemos que Armando Castro teria escrito mais que os dezasseis volumes caso tivesse tido tempo de o fazer — tempo biológico

mas também sócio-institucional — aquela parece ter sido a versão final planeada. Nos três livros escritos e que nunca foram publicados (do 6.º ao 8.º) apenas o primeiro faz uma referência ao plano global da obra e não sofre alterações em relação ao que tinha afirmado anteriormente.

Mas não se julgue que Armando Castro consideraria que esses dezasseis volumes esgotariam o que haveria a dizer. Como ele afirma em entrevista «se tivesse outro horizonte temporal, encararia a possibilidade de construir uma ciência explicativa do conhecimento filosófico, assim como encararia a possibilidade de construir a teoria científica das ideologias e, até, porque não?, da componente cognoscitiva da estética»⁽¹³⁾

As dificuldades que Armando Castro sempre teve para editar a sua Teoria do Conhecimento Científico (quatro volumes publicados pela Livraria, um quinto publicado pela Afrontamento, que nunca chegou a editar o seguinte, e a esperança nunca concretizada de uma nova editora publicar toda a obra), as reduzidas tiragens (nenhum dos livros o refere mas a memória que temos de conversas tidas confirma essa ideia), e o facto de ter deixado três volumes inteiramente escritos que nunca foram publicados, aconselha que deixemos aqui os títulos dos seus capítulos (ao que há que acrescentar extensas notas, por vezes de uma grande riqueza):

I — Introdução e Gnoseologia⁽¹⁴⁾

Parte I — Intróito

- Cap. 1 — A sistematização geral da obra
- Cap. 2 — O «corte» teórico na «teoria» do conhecimento
- Cap. 3 — O conhecimento como processo teorizado e em teorização

Parte II — A Teoria Científica do Conhecimento

- Cap. 4 — As bases bio-naturais e sociais da actividade gnoseológica

- Cap. 5 — Síntese da construção científica

- Cap. 6 — Extensão e limites do corpo teórico existente

II — Epistemologia

Parte I — A Problemática

- Cap. 1 — Aspectos gerais
- Cap. 2 — Acerca da legitimidade teórica da Epistemologia Geral

Parte II — Teoria Geral do Conhecimento Científico («Epistemologia»)

- Cap. 3 — A teorização básica do conhecimento científico
- Cap. 4 — Parâmetros teóricos da Epistemologia
- Cap. 5 — A Epistemologia no sistema das ciências

Parte III — Epistemologia Geral

- Cap. 6 — A problemática teórica
- Cap. 7 — A teoria do objecto científico-disciplinar
- Cap. 8 — O relativismo histórico do conhecimento científico

Parte IV — Teoria epistemológica da actividade relacional no conhecimento científico

- Cap. 9 — As análises em torno das relações causais — breve referência histórica
- Cap. 10 — A causalidade, categoria epistemológica
- Cap. 11 — Relações causais: a controvérsia «subjectividade» ou «objectividade» e a sua ultrapassagem pelo monismo epistémico
- Cap. 12 — O carácter epistemo-histórico das relações causais ilustrado por tipos

Evocação de Armando Castro

estruturais já elaborados pelas ciências

Cap. 13 — A causalidade nas perspectivas espacial e temporal

Cap. 14 — Amplitude e limites epistemológicos da causalidade

Parte V — Teoria epistemológica da actividade relacional no conhecimento científico (continuação) ⁽¹⁵⁾

Cap. 15 — Teoria epistemológica do acaso (aliatoridade, contingência)

Cap. 16 — Determinismo e indeterminismo

Cap. 17 — As leis científicas

Parte VI — Teoria epistemológica da actividade relacional no conhecimento científico (continuação)

Cap. 18 — A previsibilidade científica

Cap. 19 — Objectividade/subjectividade das representações teóricas

Cap. 20 — Categorias epistémicas directamente decorrentes da teorização efectuada

Cap. 21 — A racionalidade científica ⁽¹⁶⁾

A dimensão do trabalho planeado, o desafio à investigação que as temáticas comporta, as múltiplas problemáticas levantadas e algumas das respostas dadas, carregadas de inovação, lógica, coerência e correspondência com a realidade, são um manancial intelectual de uma pujança e seriedade que não pode ser subestimado.

Apesar da modéstia e abertura ao diálogo ⁽¹⁷⁾ que Armando Castro sempre revelou, uma quase benevolência perante o que considerava a falta de informação ou o erro alheio,

tinha perfeita consciência da grandiosidade do seu trabalho gnoseológico e epistemológico, assim como algum descontentamento pelo silêncio que rodeava a sua obra, como o revela em entrevista:

Bom, em primeiro lugar verifico que esta tentativa é inédita. Nos últimos anos surgiu no estrangeiro, nomeadamente nos EUA e em alguns países europeus, aquilo a que se chama a ciência cognitiva, que é um esforço de uma construção disciplinar com base na inteligência artificial, na psicologia do conhecimento e na linguística. Traz contribuições muito importantes mas não logra, realmente, construir a disciplina explicativa do conhecimento científico; e porquê? Porque tem componentes muito limitadas: a inteligência artificial é importante, obviamente, a linguística é importante, mas há outras componentes; por exemplo, os investigadores que se dedicam a este trabalho têm que fazer colagem com elementos sociológicos, etc., mas não podem colocá-los dentro da própria construção. Outra limitação que me parece substancial é não fazerem a distinção entre conhecimento corrente e conhecimento científico. [...].

Esta minha proposta tem, com certeza, as suas limitações, e muito gostaria que a criticassem, mas o que me parece é que ela tem pouco eco. Permita-me que diga isto, talvez seja por ser uma proposta um pouco antecipada no tempo. [...] ⁽¹⁸⁾.

É provável que no seu espólio de investigação, repartido por múltiplas pastas, anotações em fotocópias, papéis manuscritos com letra frequentemente quase ilegível, se encontrem referências só por si bastantes para rasgar outras pesquisas. A preocupação em estar permanentemente informado sobre o que se ia

publicando — note-se que as obras que temos vindo a referir são posteriores ao 25 de Abril, isto é, numa época de abertura do País e de acesso do autor às bibliotecas universitárias — tornavam-no uma fonte de informação fundamental, sabendo sempre distinguir o essencial e o acessório, o modismo intelectual e as propostas com futuro ⁽¹⁹⁾.

Podemos dizer que ainda há muito de Armando Castro por descobrir, muitíssimo por estudar e ainda muito mais para continuar o trabalho iniciado. Sem a universalidade da comunicação que o inglês impõe, com uma actividade editorial escassa e sem apoios para a edição de obras que inevitavelmente são de leitura restrita (embora pudesse ser menos!), com estruturas universitárias frequentemente apáticas perante a inovação ou mais preocupadas em garantir o quotidiano da docência, com a hegemonia da investigação aplicada que a globalização e as fontes financiadoras exigem, corre-se o risco de uma das mais importantes obras intelectuais do «génio luso» fique relativamente esquecida.

Contra a corrente poderão aparecer mestrados e doutoramentos em torno da obra de Armando Castro.

Contra a corrente existe a vontade de organizar os seus arquivos e fazer uma edição das suas obras, acompanhado de referências biográficas ⁽²⁰⁾.

Contra a corrente pretende-se fazer uma conferência científica internacional em torno da sua obra epistemológica ⁽²¹⁾.

Contra a corrente seria extremamente interessante que se constituísse um centro de investigação de Gnoseologia e Epistemologia (com o sentido que Armando Castro lhe atribuiu) que continuasse o trabalho iniciado, eventualmente associado a uma Fundação que estimulasse o estudo da sua obra ou de temas correlacionados.

Contra a corrente poderia o Estado apoiar a divulgação e investigação em torno de um dos maiores intelectuais portugueses deste século. ▼

14.10.99

Notas

⁽¹⁾ É desta forma que Armando Castro dedica a sua obra, aparecendo no início dos volumes 1 e 2 da Teoria do Conhecimento Científico.

⁽²⁾ Um apontamento. Armando Castro, espontaneamente fiel à sua abertura ao novo, delirava com as novas tecnologias. Iniciado com o primeiro computador acessível às bolsas do cidadão comum, o Spetrum, foi tendo computadores cada vez mais potentes e com as mais recentes inovações. Sonhava, com uma alegria quase infantil, em poder ter todo o seu trabalho passado no computador, mas a realidade é que tal nem era possível — quantos milhares de horas para meter no computador a investigação realizada em meio século? — nem se adaptava às suas práticas, usos e costumes. A máquina de escrever, o marcador preto, as fotocópias e os apontamentos avulsos, a organização dos assuntos por pastas de cartão cheias de recortes, tópicos manuscritos e fotocópias foram ao longo de décadas os seus grandes companheiros de trabalho.

⁽³⁾ A este propósito leia-se CASTRO, ARMANDO

— «Para a história do pensamento marxista em Portugal», em *O Marxismo no limiar do ano 2000*, Biblioteca Universidade Popular, 1985, Lisboa, Ed. Caminho;

— «A contribuição de Marx à teoria e à metodologia das ciências», em *Conhecer o Conhecimento*, 1989, Ed. Caminho;

Refira-se também os estudos de BASTIAN sobre o pensamento marxista em Portugal e o papel de destaque que atribui a Armando Castro.

⁽⁴⁾ Esta não utilização resulta de três factores: a formação de um modelo próprio, a necessidade de contornar a censura fascista e os hábitos forjados e as temáticas tratadas. Utilizando-a bastante em obras de introdução à Economia Política (veja-se Introdução à Economia I, Biblioteca Universidade Popular, 1982, Caminho, pp. 117), é menor em trabalhos de História e ainda menor em Epistemologia.

⁽⁵⁾ ALMODOVAR, ANTÓNIO & SILVA, AUGUSTO SANTOS — «Entrevista ao Prof. Armando Castro», *Cadernos de Ciências Sociais*, n.º 8 e 9, Fevereiro de 1990, pág. 23.

⁽⁶⁾ A este propósito evoque-se a sua longa obra de historiador, como via de esclarecer o presente e rasgar horizonte para o futuro. Recorde-se os seus trabalhos de Economia Política e de estudo da realidade económico-social portuguesa, alguns com um claro sentido de militância político-intelectual como é o caso da sua obra *O que é a Inflação?* (1.ª Ed. 1970, Lisboa, Edições 70). Recorde-se os trabalhos um pouco contra a corrente da sua obra mas que o momento político impunha:

Discursos Eleitorais, 1969, Porto, Comissão Democrática do Porto;

O Sistema Colonial Português em África (meados do séc. xx), 1978, Lisboa, Caminho;

Camões e a Sociedade do Seu Tempo, 1980, Lisboa, Caminho;

Os Conhecimentos Científicos na Obra de Camões, Vértice, 12/1980.

⁽⁷⁾ Amante da anedota e da brincadeira, costumava dizer que extraterrestres era problema que o não incomodava. Se eles existissem e conseguissem chegar à Terra certamente teriam um desenvolvimento tecnológico e civilizacional que os fazia seres pacíficos (já estariam no comunismo).

⁽⁸⁾ A este propósito chamaria a atenção para dois pequenos artigos, embora o problema da relação entre as diversas ciências na explicação da realidade, seja abordado em diversas ocasiões, de uma forma expressa, a propósito dum estudo a realizar:

A Interdisciplinaridade nas Ciências: O Caso da Economia, *Praxis* n.º 1, 06/77, pág. 51/55;

A Interdisciplinaridade nas Ciências Sociais: O Caso da Economia (Conclusão), *Praxis* n.º 2, 03/78, pág. 37/42.

⁽⁹⁾ ALMODOVAR & SILVA, *ob. cit.*, pág. 16.

⁽¹⁰⁾ CASTRO, Armando, *A Evolução Económica de Portugal dos Séculos XII a XV*, Vol. VI, Lisboa, Portugal, pág. 141.

⁽¹¹⁾ Ocupam a quase totalidade dos volumes VI e VII, isto é, aproximadamente seiscentas páginas.

⁽¹²⁾ Matéria que trataremos de uma forma mais sistemática no ponto seguinte.

⁽¹³⁾ ALMODOVAR & SILVA, *ob. cit.*, pág. 21.

⁽¹⁴⁾ I e II (Introdução e Gnoseologia e Epistemologia) não aparece na obra de Armando Castro. Colocamos

Evocação de Armando Castro

estas duas designações genéricas para distinguir os dois primeiros dois volumes dos restantes, os quais têm cores de capa diferentes.

⁽¹⁵⁾ As partes IV, V e VI são uma e uma só, embora se repartam por três volumes. Colocamos o que consta nos textos de Armando Castro.

⁽¹⁶⁾ As três últimas partes, as primeiras em pleno terreno da Epistemologia, correspondem aos volumes que nunca foram publicados.

⁽¹⁷⁾ Mais do que abertura ao diálogo trata-se de um prazer em trocar ideias, receber informações e poder validar as verdades que o animava. Muitas cenas da vida quotidiana, quantas vezes quase caricatas, revelam este «gosto pela conversa» em que no meio de informações científicas, comentários políticos, anedotas e ditos transbordava uma enorme confiança na força criadora e transformadora do homem.

⁽¹⁸⁾ ALMODOVAR & SILVA, *ob. cit.* p. 21.

⁽¹⁹⁾ Nos últimos anos de escrita da Teoria do Conhecimento Científico de-frontou-se, por exemplo, com a Teoria do Caos e a cada vez mais frequentes temáticas da complexidade, o que aliás aparece claramente nas análises da causalidade e assuntos seguintes.

⁽²⁰⁾ Diga-se, de passagem, que não é trabalho fácil e que provavelmente nem tudo será recuperável. Deixemos um exemplo. Armando Castro pertenceu ao júri das provas de agregação de Boaventura Sousa Santos, cuja craveira intelectual também é bem conhecida. Não havia concordâncias de pontos de vista entre os dois intelectuais e a argumentação e debate havidos foi de uma grande riqueza. No entanto, provavelmente ficarão esquecidos.

⁽²¹⁾ Estas duas últimas «contracorrentes» são intenções da Universidade Popular do Porto que nesse sentido as integraram num projecto depositado na Porto 2001 sarl.

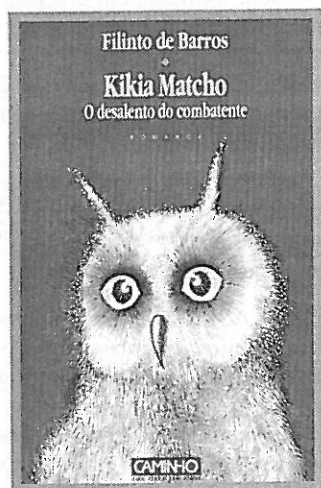
CAMINHO

KIKIA MATCHO

Filinto de Barros

Filinto de Barros nasceu em Bissau a 28 de Dezembro de 1942. Fez estudos secundários no Colégio Nuno Álvares, em Tomar, e estudos superiores na Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra e no Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa. Depois da independência da Guiné-Bissau foi embaixador em Lisboa, entre 1978 e 1981. Na Guiné-Bissau exerceu vários cargos políticos, entre os quais ministro da Informação e Cultura (1981-1983), ministro dos Recursos Naturais e Indústria (1984-1992) e ministro das Finanças (1992-1994).

Kikia Matcho, sua primeira obra literária é, nas palavras do autor, *um pequeno exercício e ficção. Nem história, nem sociologia, nem etnologia, nem política, tão-somente uma abordagem que se pretende dinâmica e existencial do processo de síntese sociocultural de um Povo.*



EDIT. CAMINHO, SA. AL. ST.º ANTÓNIO
DOS CAPUCHOS, 6 B. 1150 LISBOA.
TELEFONES (01) 315 26 83 / 315 26 85
WWW.EDITORIAL-CAMINHO.PT

P.V.P.: 1.995\$00